

LITERATURA E ECOLOGIA

Muitos crimes contra o homem e o meio ambiente têm sido cometidos em nome da **ecologia**. A verdade é que nunca um **tema** foi alvo de tanta especulação e apropriação indevidas e, também, em função disso, nunca **vendeu** tanto como este, sobretudo nos últimos anos. Sob as asas generosas de um slogan como **Viva o Verde**, ou qualquer outro gênero, a indústria do brinquedo, da moda, da cultura, escoou seus produtos como se fossem água corrente. São novidades (ou quase) se multiplicando em cada segundo nas vitrines: carrinhos de bombeiro (de acrílico) apagando incêndios em densas florestas (de plástico); camisetas, bermudas, bonês com equivocadas mensagens ecológicas; revistas, filmes, discos onde se encontra de tudo, menos qualidade. A mobilização - absolutamente necessária - pela defesa do meio ambiente acabou se revertendo num turbilhão de apelos comerciais cujas maiores vítimas são, como sempre, a criança e o jovem.

No campo editorial, o movimento não poderia ser diferente. Quem visitou os estandes da última **Bienal do Livro no Rio de Janeiro** pôde perceber a quantidade de livros, informativos e de ficção, que tratam do tema **ecologia**. A produção foi intensa, continua firme e promete aumentar à medida que for se aproximando a abertura da **Rio 92**.

Na **FNLJ**, trabalhamos diariamente com livros infantis e juvenis e temos acesso, constante e sempre renovado, à maior parte da produção editorial brasileira no gênero, contando com uma equipe de leitores especializados, responsáveis pela indicação e premiação do que há de melhor em nossa literatura para crianças e jovens. O desapontamento é unânime entre os leitores dessa equipe: da verdadeira avalanche verde que tem despencado sobre nossas mesas, muito pouco se aproveita.

O imediatismo dessas edições resulta, entre outras coisas, num trabalho de péssima apresentação visual. São livros feitos quase que em série, às pressas, com diagramação ruim - normalmente poluída (sem trocadilhos), com as letras ocupando quase toda a página -, impressão descuidada (tanto do texto quanto das ilustrações), papel de baixa qualidade, encadernação deficiente e com capas de gosto no mínimo duvidoso. As histórias e os poemas repetem sempre os mesmos chavões moralistas, panfletários, esquecendo totalmente a complexidade do tema e recorrendo a fáceis soluções maniqueístas, que não acreditam em vida inteligente no leitor. O trabalho com a palavra não existe, assim como não há nenhum apuro nas ilustrações. Falta capricho. Texto e imagem se juntam, nesses livros, para tentar extinguir de vez a criatividade e o talento.

É preciso atentar para o enorme desserviço que esse tipo de produção presta à causa ecológica e à literatura de um modo geral. A saturação do mercado com livros de baixa qualidade tem um efeito nada animador e bastante visível: a saturação do leitor. O que é uma coisa a princípio saudável: a possibilidade de várias opções, a variedade da produção editorial, pode se tornar um obstáculo. Obstáculo tanto à formação do leitor - pois este, bombardeado de todos os lados por livros cada vez mais repetitivos, sem interesse, pode se afastar definitivamente da leitura -, quanto à mobilização em favor da preservação do planeta, já que a repetição esteril dessas mensagens vai acabar irritando e desmotivando leitores que poderiam contribuir.

Mas há exceções. Antes de passarmos a elas, porém é preciso deixar claro o conceito de **ecologia** que norteou nosso trabalho. Na concepção restrita, **ecologia** é o estudo do ambiente (oiko = casa, logos = estudo), ou o estudo das relações entre animais, vegetais e minerais. Este conceito foi ganhando, com o tempo, conotações mais abrangentes, sobretudo em função de naturalistas, profissionais e amadores, em grupo ou individualmente, em várias partes do mundo. O termo **ecologia** passou a representar, assim, não apenas uma disciplina científica ligada à Biologia e criada na segunda metade do século XIX

pelo alemão Ernest Haeckel, mas adquiriu também um sentido de movimento reivindicatório e de alerta para o processo de destruição da vida na Terra.

Hoje, a palavra **ecologia** não pode ser dita impunemente. Toda vez que é pronunciada, traz consigo ecos de outras palavras: luta, florestas, qualidade de vida, índios, miséria, preservação, crianças abandonadas, etc. É sempre bom lembrar a sensível diferença entre o conceito de **ecologia** em países do 1º Mundo e o que se entende por esta palavra em países do 3º Mundo, onde a causa ecológica caminha paralela a sérias e justas reivindicações sociais e econômicas, que abrangem reforma agrária, moradia, dignas condições de trabalho, educação, saúde, etc. E, dentre os países do 3º Mundo, considera-se ainda a situação particular do Brasil, que abriga uma riqueza natural de proporções gigantescas, como a **Floresta Amazônica** e o **Pantanal Matogrossense** por exemplo, ao mesmo tempo que convive diariamente com o drama, verdadeiramente trágico, dos meninos de rua em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador, entre outras, e que, em meio a estes e outros gritantes contrastes, vai sediar uma conferência sobre meio-ambiente em 1992. De fato aqui, **ecologia** não é uma palavra fácil.

O conceito é de tal modo abrangente que abarca simplesmente tudo: se **ecologia** é a relação do homem com seu meio, logicamente é também a relação dos homens entre si. Procuramos, então, buscar uma forma de restringir o conceito sem deixar de lado a preocupação com as questões sociais que vivemos em nosso país. A solução encontrada foi a de considerar como **ecologia** as relações entre o homem e o meio ambiente a partir não apenas de seu contato com a fauna e a flora, mas também a partir do relacionamento, sempre complexo, da cultura dita civilizada com a cultura indígena, alem, é claro, da interação entre o índio e a natureza que o cerca.

Complementando, procuramos ainda mesclar livros em que estas relações ocorrem dentro de um espaço urbano (apartamentos, condomínios, escolas, casas) com outros em que predomina o espaço não-urbano (florestas, mares, rios, montanhas).

Sim, as exceções. Outro critério para a escolha dos livros pode ser resumido numa única palavra: **qualidade**. São livros feitos para tocar a visão, a inteligência e a criatividade do leitor. Avaliamos com cuidado não apenas texto e ilustração individualmente, mas também o entrosamento entre eles, além de todos os detalhes do projeto gráfico.

Procuramos abranger boa parte da história da literatura infantil e juvenil brasileira, começando por Monteiro Lobato e chegando até os contemporâneos. O que não falta é variedade. Há livros de intensa poesia, em que a beleza de mar, rio, montanhas surge da própria palavra, como em **Mário e Ah! Mar...** de Bartolomeu Campos Queiros, ou **As flores do lado de baixo**, de João Carrascoza. Outras vezes, o lirismo vem de lugares inusitados, como o sujo poço de um edifício (**O verde brilha no poço**, Maria Colasanti), ou vem sem palavras, acompanhando traços e cores (**A menina das borboletas**, Roberto Caldas). Há momentos de humor, quando conhecemos, entre outros a incrível ra Santa Aurora e o louco basset Sua Avó (**Os bichos que tive - Memórias zoológicas**, Sylvia Orthof), e ainda o periquito australiano que, com sua minhoca de estimação, vai parar num estranho hotel (**Hotel dos bichos desamparados**, Ricardo Hoffmann). Não faltam os livros de aventura (**Lobo-Guará, meu amigo**, Assis Brasil), de poemas (**Animagens**, Líberio Neves), histórias de índios (**O curumim que virou gigante**, Joel Rufino dos Santos), nem aqueles em que fantasia e palavra se juntam na construção de histórias inesquecíveis, como **Praga de Unicórnio** (Ana Maria Machado) e **O sofá estampado** (Lígia Bojunga).

Com certeza, há lacunas neste trabalho, que não foi elaborado com a pretensão de ser completo. O que reúne aqui, no entanto, inserido no tema **ecologia**, pode ser recomendado como boa leitura.

Recomendações

Segredinhos de amor, de Elias José. Il. de May Shuravel. São Paulo, Moderna, 1991.

O livro reúne 23 poemas que falam de brincadeiras, explorando o som, o ritmo, as imagens e as potencialidades da língua ao construir e desconstruir palavras. Algumas ilustrações utilizam o recurso da colagem enriquecendo o texto.

Aquele tombo que eu levei, de Toni Brândão. Il. de May Shuravel. São Paulo, Melhoramentos, 1991.

Guto, um menino de onze anos, leva um tombo que vai mudar algumas coisas em sua vida. Com um texto bem humorado, o livro mantém sempre acesa a curiosidade do leitor. As ilustrações recorrem aos momentos mais importantes do texto.

Zicartola (e que tudo mais vá pro inferno!), de João Antônio, Scipione, 1991. (Série Diálogo)

Crônicas que falam da infância, da descaracterização sofrida pelas cidades e, principalmente, da gente simples. O cronista alia a crítica, a poesia, o humor, com perfeito domínio, na utilização das imagens e do ritmo.

QUE LIVRO ADOPTAR ?

Atendendo a um grande número de professores, sobre a dificuldade na escolha de livros para grupos sociais específicos e faixas etárias determinadas, estamos publicando uma breve bibliografia sobre critérios e seleção de livros para a infância e juventude. É uma questão bastante séria, como observa Eliana Yunes - supervisora do CEDOP/FNLIJ e Profª de Literatura Brasileira na PUC/RJ: "Não basta ser professor ou lidar com crianças para saber o que é bom em literatura infantil. É preciso ser leitor, acompanhar a produção, conhecer, de fato, a condição infantil e ter alguma informação básica sobre a própria literatura, com as especificidades relativas a aquele leitor."

● **Que livro indicar? - interesses do leitor jovem**, de Vera Teixeira de Aguiar. Porto Alegre, Mercado Aberto/IEL, 1989.

Análise de pesquisa sobre as preferências literárias do público infanto-juvenil, tendo como parâmetros série/idade, sexo e nível socio-econômico.

● **A parents guide to children's reading**, de Nancy Larrick. New York, Bantam, Cardinal Edition, 1975.

NOTAS NACIONAIS

● Rosa Ferreira Lima, representante/FNLIJ em São Luís do Maranhão, está com patrocínio garantido para reativar seu projeto **Livro na praça**, que por 2 anos manteve reunido um grupo de professores, bibliotecários, atores, especialistas em literatura e contadores de histórias, que realizavam, uma vez por mês, um dia inteiro de atividades em torno do livro de literatura infantil e juvenil, em locais públicos.

● Num antigo casarão de Botafogo surge um novo Centro Cultural - Espaço Cultural Botafogo - AMAIS. Com salão para palestras e exposições, salas para cursos, área destinada a atividades de arte-educação e livraria para crianças e adultos, o espaço dispõe também da AMAIS Editora, que juntamente com a Editora Memórias Futuras acabou de lançar o livro **Criança é coisa séria** de Roseana Murray, com ilustrações de Paula Saldanha.

Nathercia Lacerda e uma equipe de profissionais da área de educação coordenam o espaço com uma proposta de interação com escolas, famílias, associações de pais e de moradores do bairro. É um projeto aberto, participe.

O Espaço Cultural Botafogo fica na rua Real Grandeza, 314 e o telefone é 226-7081.

Perguntas e respostas sobre a questão da leitura, livros e formas de despertar o interesse da criança pelo livro.

● **Bibliografia analítica de literatura infantil e juvenil**, FNLIJ. Porto Alegre, Mercado Aberto; São Paulo, Melhoramentos, 1977 (1ª vol.) e 1984 (2ª vol.).

Obra, em dois volumes, abrangendo toda a produção literária publicada no Brasil de 1965 a 1975 para crianças e jovens - incluindo adaptações e traduções.

● **Dicionário crítico de literatura infantil/juvenil brasileira**, de Nelly Novaes Coelho. São Paulo, Quirón, 1983.

Um panorama crítico da literatura para crianças e jovens, produzida no Brasil de 1882 a 1982, por autores brasileiros.

● **Guia de leitura**, do Centro de Pesquisas Literárias do Rio Grande do Sul. São Paulo, Cortez/INEP, 1989.

Catálogo de títulos dirigidos a 1ª e 2ª graus, que apresenta descrição e crítica estético-ideológica de cada obra.

NOTA INTERNACIONAL

● Entre os dias 03 e 07 de fevereiro foi realizada em Caracas, Venezuela, a II Reunião sobre o estado atual e as estratégias de desenvolvimento das Bibliotecas Públicas da América Latina e Caribe. Representantes de vários países participaram do encontro, do Brasil estiveram presentes: Marília Alves da Biblioteca Nacional - FEN, Lúcia Fidalgo da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ, Celeste Mendes Garcia, do Sistema Nacional de Bibliotecas e May Negrão da Federação Internacional de Associações de Bibliotecas - IFLA. Foram apresentadas experiências de promoção de leitura e alfabetização em bibliotecas e formulados projetos regionais e mecanismos de cooperação entre países participantes.

Este encontro, promovido pela Associação de Bibliotecas Públicas da América Latina e Caribe - ABIPLAC, UNESCO, Organização dos Estados Americanos - OEA e Governo da Venezuela, terminou com visita às principais bibliotecas públicas de Caracas, onde foi observada a eficiência dos serviços prestados aos usuários e dos centros de informação. Todo o material apresentado na Reunião encontra-se no Centro de Documentação e Pesquisa - CEDOP/FNLIJ, e brevemente poderá ser consultado pelos sócios interessados.

NOTÍCIAS: Equipe FNLIJ (Edição); Jane Augustin (Revisão); Andréa Bianchi (Datilografia).

FNLIJ

CONSELHO ADMINISTRATIVO: Alfredo Weiszflog (presidente), Wladimir Murtinho (vice), Arnaldo Niskier, Paulo Eduardo Bluhm, Celina Rondón, Manoel Marcos Formiga, Ferdinando Bastos de Souza, Maria Alice Barroso, Mônica Rector, Zoé Chagas Freitas, José Mindlin, Ana Lygia Medeiros, Ana Maria Filgueiras, Werner Klatt, Eduardo Porté

CONSELHO DIRETOR: Celso Japiassú, José Raimundo M. Rômeo. **SECRETARIA GERAL:** Elizabeth Serra. **CONSELHO CURADOR:** Henrique Luz, Ítalo Viola, Márcio Tavares do Amaral, Maria do Carmo M. Pinheiro, Paulo Adolfo Aizen, Terézinha Saraiva. **MANTENEDORES:** Prince Waterhouse, Nestlé Industrial e Comercial, Formato, Ática, Edt.

Expressão e Cultura, Livros do Maco, Clínica Ênio Serra, AGIR, Nova Fronteira, Continac, Apel, RHJ, Ao Livro Técnico, Moderna, Melhoramentos, FTD, Vera Cruz Securadora, Livraria José Olímpio, CBL, Kuarup, Lê, Edt. Atual, Fercon Engenharia, EDC, Salanandra, Editora do Brasil, SNEL.